

* UMA VEZ, NA INFÂNCIA

O polegar na boca e o sono a chegar. O sabor do nosso próprio corpo a envolver-nos, tal e qual como o sono. Nenhum mal pode vir do nosso corpo.

Raiva. Enche de choro uma caverna de medo e ira. O choro flutua no ar como folhas vermelhas, já desprendido de quem chorava mas caindo sobre o seu rosto, provocando mais choro ainda.

Consolação depois do choro. O estômago deixa de andar às voltas. Uma calma doçura, como se fosse mel, espalha-se pelo peito. Só o céu da boca permanece seco. As causas inexplicáveis desapareceram misteriosamente.

A incapacidade de recordar pode ser, em si mesma, uma memória. Pôde ter-se já vivido com a experiência do inominado: havia certas forças elementares que eram reconhecíveis – o calor, o frio, a dor, a doçura. E também também algumas pessoas. Mas não havia verbos nem substantivos. Mesmo a primeira pessoa do singular correspondia mais a uma convicção que se ia desenvolvendo do que a um facto concreto. Devido a esta ausência, não podia haver recordações (consideradas como distintas de outras funções da memória).

Outrora viveu-se no universo sem costura do inominado. O inominado implica que tudo seja contínuo. O sonho de uma língua universal que tudo dissesse em simultâneo talvez provenha da recordação de um tempo em que não havia recordações.

O meu coração nasceu nu,
logo em fraldas embalado.
Só mais tarde usou
poemas como roupas.
Tal como a camisa que punha
levava sobre o corpo
a poesia que lera.

Vivi meio século assim
até que, sem uma palavra, nos encontrámos.

A minha camisa nas costas da cadeira
diz-me que hoje percebi
quantos anos
a decorar poemas
esperei por ti.

UMA AURORA LATENTE

A tocaia no terçol dos incêndios
numa cúpula contaminada de belas nuvens
rumoreja
incha algumas vezes no sal do canto da boca
na estrela perdida entre os pássaros da terra
o soluço agora fonte de cores
teu olhar
navegando o cristal das pequenas unhas
no túnel do meu coração perdido para sempre

Os olhos no teto, a nudez dentro do quarto; róseo, azul ou violáceo, o quarto é inviolável; o quarto é individual, é um mundo, quarto catedral, onde nas intermitências da angústia se colhe, de um áspero caule, na palma da mão, a rosa branca do desespero, pois entre os objetos que o quarto consagra estão primeiro os objetos do corpo; eu estava deitado no assoalho do meu quarto, numa velha pensão interiorana, quando meu irmão chegou para me levar de volta; minha mão, pouco antes dinâmica e em dura disciplina, percorria vagarosa a

pele molhada do meu corpo, as pontas dos meus dedos tocavam cheias de veneno a penugem incipiente do meu peito ainda quente; minha cabeça rolava entorpecida enquanto meus cabelos se deslocavam em grossas ondas sobre a curva úmida da fronte; deitei uma das faces contra o chão, mas meus olhos pouco apreenderam, sequer perderam a imobilidade ante o vôo fugaz dos cílios; o ruído das batidas na porta vinha macio, aconchegava-se despojado de sentido, o floco de paina insinuava-se entre as curvas sinuosas da orelha onde por instantes adormecia; e o ruído se repetindo, sempre macio e manso, não me perturbava a doce embriaguez, nem minha sonolência, nem o disperso e esparso torvelinho sem acolhimento; meus olhos depois viram a maçaneta que girava, mas ela em movimento se esquecia na retina como um objeto sem vida, um som sem vibração, ou um sopro escuro no porão da memória; foram pancadas num momento que puseram em sobressalto e desespero as coisas letárgicas do meu quarto; num salto leve e silencioso, me pus de pé, me curvando para catar a toalha estendida no chão; apertei os olhos enquanto enxugava a mão, agitei em seguida a cabeça para agitar meus olhos, apanhei a camisa jogada na cadeira, escondi na calça meu sexo roxo e obscuro, dei logo uns passos e abri uma das folhas me recuando atrás dela: era meu irmão mais velho que estava na porta; assim que ele entrou, ficamos de frente um para o outro, nossos olhos parados, era um espaço de terra

seca que nos separava, tinha susto e espanto no pó, mas não era uma descoberta, nem sei o que e não nos dizíamos nada, até que ele estendeu braços e fechou em silêncio as mãos fortes meus ombros e nós nos olhamos e num momento preciso nossas memórias nos assaltaram os olhos em atropelo, e eu vi de repente seus olhos se olhar, e foi então que ele me abraçou, e eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados: família inteira; voltamos a nos olhar e eu disse “te esperava” foi o que eu disse confuso com o jeito do que dizia e cheio de receio de me de escapar não importava com o que eu fosse lá de mesmo assim eu repeti “não te esperava” foi isso que eu disse mais uma vez e eu senti a força porosa da família desabando sobre mim como aguaceiro pesado enquanto ele dizia “nós te amamos muito, nós te amamos muito” e era tudo o que ele dizia enquanto me abraçava mais uma vez; aí confuso, aturdido, mostrei-lhe a cadeira do quarto mas ele nem se mexeu e tirando o lenço do bolso ele disse “abotou a camisa, André”.

NASSAR, Raduan. Laurea arco
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.